

Um escritor europeu

por EDUARDO BRAGA

Panorama
Literário

Quando nasceu o escritor-poeta Henri Barbusse? Ignoro-o. Quando faleceu, sei-o perfeitamente. Foi num declinar de Agosto, há dois anos, que, entre a fanfarraria dos jornais, pela «Havas», nos chegou a dolorosa notícia de haver fechado os olhos aquele altíssimo espírito, nitidamente europeu, que tam alto, incontestavelmente, elevou o pensamento das hodiernas gerações.

Não me proponho—estejam tranquilos—vir empanturrá-los com uma pedantésca apreciação à sua valiosa obra literária, onde os ensinamentos são tam grandes como grandiosa, à certa, é a dose de humana sinceridade que nesses da referida obra.

Estejam tranquilos, portanto. E' muito outro o meu intento, como irão apreciar. Que poderia, até, vir carrear de novo, sobre Barbusse, se pertenco ao elevado número daqueles que não ignoram que o seu humaníssimo «Fogo»—depoimento doloroso sobre a chamada grande-guerra—vai numa marcha célere a caminho do primeiro milhão de exemplares?

Se no entanto, como atrás digo, não pretendo alardear erudições, nem, tampouco, me abalanço a dizer nada de novo, que poderei, eu, pretender, afinal? Pretendo, sim, (e dessa tarefa não desarmo) debitar algumas palavras acerca dum livro póstumo daquele escritor notável; livro, êsse, que, em respeitosa homenagem, o seu livreiro Flammarion lançou, recentemente, à luz forte da publicidade.

Trata-se dum valioso feixe de cartas que, durante a guerra, o soldado de 2.ª classe, Henri Barbusse, escreveu a sua mulher. Vale a pena, acreditem, lêr aquela correspondência, pois dessa leitura, engrandecido pela distância, apresenta-se-nos o seu autor num elevado plano de verdadeira elegância moral, homem simples e bom, generoso e humano, que se honrou escrevendo, com chocante simplicidade, aquelas magníficas cartas.

Desculpem a minha irreverência: julgo ser absolutamente necessário que os leitores de Barbusse relanceiem os olhares por aquele volume, dum leveza transparente como o mais fino cristal, volume enternecedor até mais não—aparecido na hora própria—e que vem demonstrar à saciedade de quão subido quilate era constituído o magnânimo coração que sentiu e viveu as «Palavras dum combatente».

«Lettres de Henri Barbusse à sa femme» —se chama o livro em referência. O título, quanto a mim, é inexpressivo e não condiz com o precioso escriptorio que constituem as dezenas de cartas, onde o autor de belas páginas da literatura francesa, nos apresenta, fil-



Gravura em madeira, de Azevedo

trado pelo mais doce e suave intimismo, riquíssimas nuances da sua natureza de sensitivo.

Não perde o tempo quem se dispuser a lêr aquelas páginas—não destinadas à publicidade. E não perde o tempo, pois é lendo-as (dizei melhor: meditando-as) que poderemos partir para um estudo desapassionado do Homem de grande nobreza que meteu a sua Arte e Talento e Sinceridade ao serviço dum alto e claro objectivo de fraternidade humana.

Os leitores do «Fogo», lendo êste livro, encontrarão, ali, curiosas informações sobre a primeira edição daquele romance, a quando da sua publicação, em folhetins, no jornal «L'Oeuvre». Dessas informações pode concluir-se que, para o autor, interessava mais o respeito do pensamento que o sucesso material do livro.

Era assim o escritor Europeu, de quem lhes venho falando...

■ A Livraria Peninsular Editora—Lisboa, como 1.º volume da colecção «Biblioteca de Cultura Popular» editou Arte de Furlar, atribuída ao Padre António Vieira, anotada e prefaciada por Jaime Brasil. Brevemente, nos referiremos mais de espaço a esta obra.

■ O preço do livro, em Portugal, é muito elevado. Por exemplo: a obra a que nos referimos acima custa doze escudos: um livro de Stefan Zweig—da Livraria Civilização—custa dez. O preço dificulta forçosamente a compra ao grande público, sendo apenas possível fazê-la às pessoas um tanto abastadas... Não teriam estas e outras obras, pelo menos, o triplo de compradores, se custassem metade? Sem dúvida. Talvez, os editores, no fim de contas, viessem a ganhar o mesmo. E teriam feito assim uma obra de cultura muito mais notável.

■ Sobre a guerra de Espanha muito se escreveu em Portugal e numerosos livros saíram dos prelos, atropelando-se uns aos outros, na ganância de aproveitar a ocasião. Já idêntico caso, embora em menores proporções, se dera quando da ocupação da Etiópia pelos italianos.

O mesmo facto não sucede, parece, em França.

Não falando da literatura espanhola chegada a êste país, toda do lado governamental, aquela a que os jornais literários de Paris aludem, resume-se apenas a dois livros franceses: El Requeté, de Lucien Mauvaut e Espagne, Espagne, de Jean-Richard Bloch.

■ Acabam de sair mais dois volumes de Stefan Zweig, editados pela Livraria Civilização—Porto: Candelabro Sagrado e Caleidoscópio.